

La Comédiathèque



Há um piloto a bordo?

Jean-Pierre
Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Há um piloto a bordo?

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

A diretora de uma revista sensacionalista se cruza por acaso, em um avião, com um tanatoprático que afirma ter uma notícia bomba, o que a faz sonhar com uma tiragem recorde. As coisas se complicam porque esse encontro acontece em um voo de Paris para Tóquio: 12 horas a portas fechadas, sem meios de se comunicar com o exterior. Ter uma notícia bomba nas mãos e não poder publicá-la... Um verdadeiro martírio japonês! Uma comédia que termina em fábula sobre a hipócrita sociedade que nos cerca.

Distribuição

Cláudio (ou Cláudia)

Vitória (ou Vítor)

*Escalas possíveis: 1 homem e 1 mulher, 2 mulheres ou 2 homens.
Para obter uma versão com 2 homens ou 2 mulheres,
basta alterar os sexos dos personagens da peça.*

© La Comédiathèque

Prólogo (opcional)

No escuro (portanto, em silêncio), como se o espetáculo estivesse prestes a começar. Nada acontece por um longo tempo, tempo suficiente para fazer as pessoas se sentirem desconfortáveis. A luz incide sobre um homem e uma mulher sentados em um canto do auditório que, teoricamente, não se conhecem. O espectador, chamado Cláudio, consulta nervosamente o Guia do Lazer. Olha para o relógio. A espectadora, a quem chamaremos de Vitória, belisca pipocas de um grande cone. Mastiga compulsivamente e de forma pouco discreta.

Cláudio – Normalmente, são os espectadores que chegam atrasados no teatro. O estranho é quando isso acontece com os atores.

Silêncio

Vitória (*inquieta*) – Você se importa se eu der uma olhada no Guia? Talvez tenham cancelado a peça.

Cláudio entrega o Guia. Vitória tem dificuldades em abri-lo devido ao cone de pipoca.

Vitória (*entregando o cone*) – Você se importa?

Cláudio hesita, mas aceita. Vitória folheia o Guia, mas não encontra nada. Cláudio experimenta uma pipoca e faz uma careta de repulsa.

Vitória (*desistindo*) – Desculpe, não estou acostumada com este guia...

Cláudio (*com gesto de asco*) – Não gosto nada dessas pipocas.

Vitória devolve o Guia e recupera o cone.

Vitória – De qualquer forma, já é tarde demais para uma sessão de cinema noturna... O que podemos fazer? Prefiro ver o que acontece...

Cláudio – Espero que valha a pena...

Vitória – As críticas estão ruins?

Cláudio (*virando a cabeça*) – Parece que não tem muita gente...

Vitória – Não se pode confiar nas críticas. Elas não valem um tostão furado... Com certeza eles subornam os críticos para falarem bem e depois ninguém se atreve a dizer uma palavra, só para não parecerem tolos. Se você não entendeu, é porque é uma peça profunda, eles dizem.

Cláudio – Pelo menos as pessoas normais se divertem com as comédias, mesmo que os críticos as considerem sombrias... É muito difícil fazer um crítico rir.

Vitória – Você é um crítico?

Cláudio – E você não é?

Vitória – Sou atriz.

Cláudio – Ah, sim...?

Vitória – Além dos críticos e dos atores, pouca gente vai ao teatro. Um espectador a cada dois é um ator. Acabaremos por não saber onde está o palco.

Cláudio – Você sabe sobre o que é essa peça?

Vitória – Não... Mas tenho uma amiga que está atuando nela. Vim para vê-la... Para ser simpática...

Cláudio – Ela é uma atriz conhecida?

Vitória – Trabalha quase sempre no teatro...

Cláudio – Bem, então... (*Breve silêncio, hesitante*) Você é realmente atriz?

Vitória – Você acha que não estou fazendo bem?

Cláudio – De jeito nenhum... Você é muito boa...

Vitória – Atriz à noite e cuidadora em um museu pela manhã.

Cláudio – Dados os repertórios modernos, ambas as profissões têm muito em comum.

Silêncio.

Vitória – Acabaram as pipocas.

Cláudio (*suspirando*) – Talvez a gente morra de fome esperando começar.

Vitória – Parece que nos esqueceram...

Cláudio – Daqui a alguns anos, a faxineira encontrará nossos esqueletos juntinhos, de mãos dadas.

Vitória – De mãos dadas?

Cláudio (*com um sorriso ambíguo*) – Quando sentirmos que o fim está próximo, talvez possamos adicionar um pouco de ternura. Somos como dois naufragos em uma ilha deserta, não acha?

Vitória – Você acha que nos devolverão o dinheiro?

Cláudio (*surpreso*) – Mas você pagou?

Vitória – Não...

Cláudio – Nesse caso...

Eles se levantam para sair.

Cláudio – Podemos voltar outro dia...

Vitória – Não acho que a peça continue em cartaz, dada sua enorme sucesso...

Cláudio – Então, iremos ver outra coisa.

Vitória – Você está me convidando?

Cláudio (*tirando alguns ingressos*) – Para duas pessoas.

Vitória – Espero que essa peça comece no horário... Sobre o que é?

Cláudio – Chama-se "Há um piloto a bordo?"

Eles trocam um olhar hesitante.

Vitória – Que título estranho! Tenho certeza de que é uma bobagem, não acha?

Cláudio – Não se esqueça de desligar o seu telefone...

Vitória – Ah, sim...

Eles saem. Cláudio coloca a mão no ombro de Vitória, que parece tentar recusar, mas não o faz de verdade.

Escuro.

Ato primeiro

Vitória e Cláudio estão sentados, lado a lado, em um avião. Supostamente, estão na primeira classe. Nenhum cenário especial. A cortina entre o palco e a plateia servirá como separação entre a primeira classe e a classe econômica. Vitória, uma mulher de negócios, parece sonolenta. Ela está usando fones de ouvido. Cláudio, com uma aparência mais descontraída, está acordado e saboreando uma taça de champanhe.

Cláudio – Você sabe a que altitude estamos voando?

Vitória, surpresa, tira os fones de ouvido.

Vitória – Bem... não. E também não me importa.

Cláudio – O piloto acabou de dizer!

Vitória – Desculpe, eu não ouvi... Estava tentando dormir um pouco...

Cláudio – Na sua opinião...?

Vitória – Uns oito mil...?

Cláudio – Dez mil metros! Você percebe? Dez quilômetros!

Vitória – Sim, eu entendi perfeitamente... Dez mil metros...

Cláudio – A mesma distância entre Madrid e Alcorcón, mas na vertical.

Vitória – Você mora em Alcorcón, certo?

Cláudio – Como você adivinhou?

Vitória – Pura intuição...

Cláudio – Você vai rir, mas é a primeira vez que estou em um avião.

Vitória – Sério?

Cláudio – Ganhei um concurso... Uma viagem para duas pessoas para Tóquio.

Vitória – Bem, para a sua estreia no ar, você ganhou o prêmio máximo. Está exatamente nas antípodas. Espero que não tenha medo de voar, como eu...

Cláudio – Não tive que fazer nada de especial. Era um sorteio...

Vitória – Entendi...

Cláudio – E na primeira classe. Você percebe o que isso significa? Para ser sincero, não faço ideia de como é a classe econômica...

Vitória – Entendi.

Cláudio – Já estive lá alguma vez?

Vitória – No Japão?

Cláudio – Não. Na classe econômica.

Vitória – Bem...

Cláudio – Suponho que eles não sirvam champanhe para eles.

Vitória – Provavelmente não... Talvez nem mesmo água...

Cláudio – Droga! E, antes de embarcar, eles retiram todos os líquidos por causa do medo de explosivos... Você percebe? Doze horas sentados e sem beber.

Vitória – Sentados? Não me faça rir! Eles não têm assentos suficientes para que todos se sentem ao mesmo tempo... A maioria viaja de pé, como no metrô... Eles vão se sentando por turnos...

Cláudio – Isso não é possível!

Vitória – Por isso as comissárias de bordo os escondem atrás da cortina... Para nos poupar de um espetáculo tão triste... No entanto, sabemos que eles estão lá... Há pouco, parecia que ouvi um bebê chorar... De sede, com certeza...

Cláudio – Mas isso é terrível!

Vitória – Vamos... Não se preocupe... Eu estava brincando.

Cláudio – Claro...

Vitória – A classe econômica não é muito diferente desta. Talvez os assentos sejam mais estreitos, mas mesmo assim... Eles podem pagar pelo champanhe. É só isso.

Cláudio – Então, por que você viaja na primeira classe?

Vitória – Bem... Porque...

Cláudio – Você nem mesmo bebeu champanhe!

Vitória – Você está certo... Digamos que é um hábito porque, normalmente, na primeira classe se viaja com mais tranquilidade...

Cláudio – Ou seja, em geral, você não encontra pessoas como eu.

Vitória – Desculpe. Não queria dizer isso... Eu nem sequer me preocupo em comprar as passagens. Minha secretária faz isso. Imagino que ela nunca tenha passado pela cabeça dela me comprar uma passagem na classe econômica.

Cláudio – Não, a culpa é minha... Não sei por quê... Eu imaginava que fosse igual ao Titanic...

Vitória – O Titanic?

Cláudio – Você viu o filme?

Vitória – Claro, como todo mundo... A verdade é que prefiro não pensar muito nessas coisas, especialmente quando estou indo para Tóquio...

Cláudio – Então, você também está indo para Tóquio?

Vitória – Este é um voo direto, então todo mundo está indo para Tóquio... A menos que uma parte do avião, por exemplo, a classe econômica, pare em Bangkok ou Singapura.

Cláudio – Você está certa. Sou um tolo... Não estamos no trem de alta velocidade... E eu digo isso sem conhecimento de causa. Também nunca viajei em um trem de alta velocidade.

Vitória – Você não é uma pessoa muito viajada, evidentemente... Tire-me uma dúvida... Você já andou de trem, mesmo que seja um trem comum?

Cláudio – Bem, sim... Pego o metrô todas as manhãs, de Alcorcón a Madrid... Para ir ao trabalho...

Vitória – Mas o que o Titanic tem a ver com isso, além de me deixar nervosa?

Cláudio – Você se lembra que no Titanic, o protagonista viajava na terceira classe e ela na primeira. Aparentemente, naquela época, havia uma enorme diferença social...

Vitória – Talvez seja por isso que eles aboliram a terceira classe nos aviões e só existe uma classe no metrô...

Cláudio – A democratização dos transportes...

Vitória – Poderíamos dizer que isso marca o fim da luta de classes.

Cláudio – É engraçado, agora que penso nisso, ele também ganhou a passagem em um jogo.

Vitória – A quem você está se referindo?

Cláudio – Di Caprio! Ele ganhou a passagem para a América jogando cartas! Foi por isso que ele conseguiu impedir que Kate Winslet se suicidasse.

Vitória – O proletário oportunista e a milionária deprimida. Outra maneira de acabar com a luta de classes...

Cláudio – Pelo menos foi o início de uma grande história de amor...

Vitória – Uma grande história que terminou tragicamente...

Cláudio – O que terminou tragicamente?

Vitória – Parece que você não se lembra de alguns detalhes do filme... Uma história de amor que começa no Titanic dificilmente pode ter um final feliz...

Cláudio – Já estamos voando há duas horas... Em breve estaremos sobrevoando a Sibéria.

Vitória – Hum...

Cláudio – Dez quilômetros na vertical... Você ouviu as instruções de segurança? Eu não ouvi quase nada...

Vitória – De qualquer forma, em caso de queda sobre a Sibéria... Eu não acho que sobreviveríamos com apenas um colete salva-vidas na cintura...

Cláudio – Você tem certeza de que não quer um pouco de champanhe? Talvez seja a última taça da sua vida...

Vitória – Não, obrigada.

Cláudio – Acho que ainda há tempo... Basta apertar esse botão para chamar a comissária de bordo...

Vitória – Tomei um relaxante antes de embarcar. Prefiro não misturar.

Cláudio – É a primeira vez na minha vida em que, com um simples toque de botão, poderia fazer aparecer um jovem bonito disposto a realizar todos os meus desejos. Confesso que estou tentado a fazer isso. Talvez eu já esteja no paraíso...

Vitória – Os tempos mudam, é verdade... Mas, apesar da igualdade, ainda existem algumas comissárias de bordo nos aviões. Nem todas tiraram a licença de piloto.

Cláudio – Desde que tragam champanhe...

Vitória – Lamento muito, mas não posso acompanhá-lo. Preciso ter a mente clara quando chegar em Tóquio. E, com a diferença de fuso horário, não estou tão certa...

Cláudio – É verdade... A diferença de fuso horário... Isso também é novo para mim... A viagem mais longa que fiz foi para Cuenca, em lua de mel, e nem me lembro mais disso... Em Tóquio, são doze horas a mais?

Vitória – Dez horas...

Cláudio – Então é como se perdêssemos dez horas de nossas vidas... Na verdade, se você pensar bem...

Vitória – Bem...

Cláudio – Mas para onde vão essas dez horas? Para a Quarta Dimensão?

Vitória – A Quarta Dimensão?

Cláudio – Sim, aquela antiga série americana em preto e branco.

Cláudio canta a música da Quarta Dimensão.

Cláudio – Tin lin lin lin, tin lin lin lin, tin lin lin lin...

Vitória – Já... já me lembro...

Cláudio – Bem, um dos episódios se passa dentro de um avião...

Vitória – Primeiro o Titanic, agora a Quarta Dimensão... Vejo que está decidido a me enlouquecer...

Cláudio – Desculpe... Eu não vou lhe contar o que aconteceu naquele episódio, eu prometo... Mas, com certeza posso lhe assegurar que era alucinante...

Vitória – Escute, você me disse que ganhou uma viagem para Tóquio para duas pessoas, certo?

Cláudio – Sim.

Vitória – Então, o que você fez com sua esposa? Será que ela está viajando em pé na classe econômica? Ou desapareceu na Quarta Dimensão?

Cláudio – Minha esposa faleceu...

Vitória – Sinto muito...

Cláudio – Na verdade, foi minha esposa que se inscreveu no concurso... Ela morreu pouco depois de ganhar.

Vitória – De emoção, talvez?

Cláudio – Na verdade, não sei.

Vitória – Você não está obrigado a me contar o que aconteceu...

Cláudio – Ela trabalhava com um distribuidor de produtos congelados... O "Boi Feliz"... Você conhece?

Vitória – Sou vegetariana.

Cláudio – Quando ela descobriu por uma ligação no celular que tinha ganhado, estava colocando os bifes congelados na câmara. Foi numa sexta-feira à tarde. Os colegas dela não perceberam nada. Provavelmente ela desmaiou...

Vitória – Isso é terrível!

Cláudio – Eu tinha ido visitar minha mãe em Albacete. Normalmente, a visito duas vezes por mês. Portanto, não senti a falta dela. Quando a encontraram na segunda-feira de manhã, ela estava rígida como uma pedra.

Vitória – Meu Deus!

Cláudio – Ela estava com o celular na mão... Cheguei até a pensar em mantê-la assim, caso um dia pudesse ser reanimada.

Vitória – Quando a medicina avançar o suficiente...

Cláudio – Mas como minha esposa era bem corpulenta, teria sido impossível colocá-la no nosso congelador. Além disso, tenho certeza de que teria que lidar com muita burocracia. E nisso eu entendo bastante. Trabalho no setor, e não sou do tipo que gosta de levar o trabalho para casa.

Vitória – Você trabalha com eletrodomésticos?

Cláudio – Eu também pensei que não faria bem à minha esposa. Você já viu o filme "Hibernatus"?

Vitória – Com Louis de Funès?

Cláudio – Imagine que nosso avião caia no norte da Sibéria, que fiquemos presos no gelo e que sejamos descongelados daqui a duzentos ou trezentos anos?

Vitória – Acho que vou tomar mais um Lexotan.

Cláudio – E foi assim que eu acabei na primeira classe.

Vitória – Sozinho.

Cláudio – Claro. Eu não tive outra opção a não ser vir sozinho. Você acha que, em tão pouco tempo, poderia ter substituído minha falecida esposa? Foi por isso que, em vez de dois bilhetes, eles me ofereceram este na primeira classe.

Vitória – Você não está me zoando, está? Como eu fiz há pouco com relação à classe econômica?

Cláudio – Eu nunca brincaria com algo assim... Afinal de contas, é sobre minha esposa...

Vitória – Me desculpe, mas como eu não vi você...

Cláudio – Muito afetado...? Olhe, vou te contar uma coisa: minha esposa e eu estávamos muito distantes, depois de tantos anos... Não se pode dizer que ela fosse muito... ardente. É engraçado eu dizer isso quando, afinal de contas, ela morreu esmagada por duas pilhas de bifés congelados... Você acha que a forma como se morre tem algum sentido? Quero dizer... em relação à forma como se viveu?

Vitória – Não faço ideia...

Cláudio – Em resumo, obviamente estou abalado pelo fato de minha esposa ter falecido, mas... entre nós, esse relacionamento já não fazia sentido.

Vitória – Sério...?

Cláudio – O que você quer que eu diga... Quando não se tem os mesmos gostos...

Vitória – Pois é...

Cláudio – Eu percebi um pouco tarde que gostava de homens.

Vitória – Não me diga?

Cláudio – Quero dizer que gosto de homens não apenas como amigos... Você entende o que estou dizendo?

Vitória – Claro que entendi. Não precisa quebrar a cabeça para me explicar.

Cláudio – Sabe como percebi isso?

Vitória – Talvez isso te surpreenda, mas... a verdade é que não sei se quero que você me conte...

Cláudio – Foi assistindo ao filme "Titanic".

Vitória – Porque você assistiu com um amigo...

Cláudio – Não, mas quando Leonardo DiCaprio abraça Kate Winslet, eu percebi que me identificava muito mais com Kate Winslet.

Vitória – Nossa... Claro que não por semelhança física, imagino. Quero dizer, você não seria facilmente confundido com Kate Winslet...

Cláudio – Agora você já sabe tudo! Para mim, aquele filme foi como uma revelação. Depois de assisti-lo, nunca mais olhei para minha esposa da mesma maneira. Meu cunhado, por outro lado...

Vitória – No final das contas, foi uma sorte para você que sua esposa tenha falecido... Quero dizer, isso simplifica as coisas...

Cláudio – Pois é... É verdade que, inicialmente, eu deveria ter viajado com ela para Tóquio...

Vitória – Principalmente porque ela ganhou o prêmio...

Cláudio – Claro.

Vitória – E qual era o prêmio?

Cláudio – Algo bem simples. Cortava-se o cupom de uma revista, enviava-se para o endereço fornecido e o azar decidia. Por acaso, ela foi a sortuda...

Vitória – Uma revista?

Cláudio – Sim, uma dessas sensacionalistas...

Vitória – Qual?

Cláudio – Justamente a que você estava lendo há pouco.

Vitória – Ah...

Cláudio – Não me diga que você também foi a vencedora de outra viagem para Tóquio e que seu marido teve um ataque cardíaco ao saber...

Vitória – Não... Nem de longe...

Cláudio – Se fosse assim, poderíamos estar falando de um sinal do destino. A prova de que estava destinado nos encontrarmos...

Vitória – A verdade é que... Sou eu quem organizou esse concurso. Quero dizer, a minha revista...

Cláudio – Sua revista?

Vitória – Sim, a revista "Sensacional"... Sou a editora-chefe...

Cláudio – Incrível! Você é...! Isso é realmente sensacional!

Vitória – Lamento muito pela sua esposa... De alguma forma, sinto-me responsável...

Cláudio – É verdade que, sem o concurso, minha esposa estaria sentada no assento que você está ocupando...

Vitória (*na defensiva*) – Bem, sim... Mas, por outro lado, sem esse concurso, você nunca teria viajado para Tóquio...

Cláudio – Você está certa... Mesmo que minha esposa não tivesse ficado petrificada ao descobrir que ganhou, ela e eu estaríamos sentados atrás dessa cortina. Na classe econômica! Em vez disso, estou sentado ao seu lado, na primeira classe!

Vitória – É verdade...

Cláudio – O que, bem pensado, também tem seu lado de sorte, não acha?

Vitória – Não sei se pode ser considerado assim...

Cláudio – O que você vai fazer em Tóquio, porque você não está de férias.

Vitória – Minha revista vai lançar uma edição japonesa. Vou para Tóquio para o lançamento do primeiro número. É algo muito importante para nós. Investimos muito nesse projeto. Também é por isso que estou tão nervosa.

Cláudio (*pegando a revista*) – "Sensacional"... Então você se ocupa de fofocas e beleza feminina.

Vitória – Sim, mais ou menos essa é a linha editorial da nossa revista.

Cláudio – Bem, mesmo que você não acredite, você e eu fazemos um trabalho semelhante.

Vitória – Sério? Você também lida com fofocas e beleza das mulheres do mundo? No que você trabalha, se posso perguntar? Você é um cabeleireiro?

Cláudio – Entre outras coisas... Maquio mulheres, faço manicure e penteio... Mas apenas quando estão mortas...

Vitória – Desculpe?

Cláudio – Sou um tanatopraxista.

Vitória – Não me diga?

Cláudio – Portanto, trabalho para que as mulheres fiquem bonitas. Bem, mais para dar a elas uma aparência humana... E quanto às fofocas do mundo, garanto que fico sabendo antes da imprensa sobre a morte de uma celebridade.

Vitória – Parece interessante.

Cláudio – Logicamente, quando alguém morre, seja famoso ou não, primeiro a polícia fica sabendo e depois nós... Sabemos quando, como e com quem...

Vitória – Entendi... Nunca teria passado pela minha cabeça entrar em contato com uma funerária para obter informações, mas confesso que é tentador... Você tem um cartão?

Cláudio – Nós também temos o dever do sigilo profissional! Assim como médicos, juízes e prostitutas...

Vitória – Com certeza... Mas, como jornalistas, sabemos que é nosso dever proteger a fonte de informações.

Cláudio – Parece incrível estarmos sentados lado a lado neste avião. Você acredita que isso tem a ver com o destino?

Vitória – É assim que os supersticiosos chamam o acaso.

Cláudio – O que você acabou de dizer soa muito bonito... Parece um provérbio japonês...

Vitória – Invento muitos deles ao longo do dia...

Cláudio – Gostaria de ligar para minha mãe e contar ao lado de quem estou sentado. Ela é uma leitora assídua da "Sensacional"... Você se importaria de falar um momento com ela? Caso contrário, ela nunca vai acreditar em mim.

Ela levanta os olhos para o céu, mas não responde. Ele tira o celular do bolso e se prepara para discar um número, mas para, desconcertado.

Cláudio – Estranho... Não tenho sinal... Ah, é verdade, sou tolo... Em aviões, obviamente, não podemos fazer chamadas... Mesmo na primeira classe...

Ela parece surpresa.

Vitória – Agora, há Wi-Fi nos aviões, você sabe... Especialmente em voos de longa distância...

Ele tenta se conectar novamente.

Cláudio – Mesmo assim, eu garanto a você...

Ela pega o próprio telefone e tenta se conectar.

Vitória – Ah, sim, você está certo... Eu também não tenho sinal... No entanto, mais cedo, liguei para a minha redação, e funcionou...

Um jingle é ouvido e a voz suave de uma comissária de bordo é ouvida pelos alto-falantes.

Comissária de Bordo - Senhoras e senhores, bom dia. O comandante e eu gostaríamos de lhes desejar uma agradável viagem conosco. No entanto, gostaríamos de informar que, devido a uma falha em nosso serviço de comunicação móvel, as chamadas telefônicas para o solo não serão possíveis durante todo o voo. Pedimos desculpas por qualquer inconveniente. No entanto, toda a equipe está à sua disposição para tornar esta experiência o mais agradável possível...

Vitória – Oh, não, não pode ser...

Cláudio – Não é tão grave assim... Vou ligar para minha mãe quando chegarmos...

Vitória – Você está brincando! Doze horas sem poder fazer uma chamada ou enviar uma mensagem de texto...

Cláudio – Bem, você tem razão... Para alguns, isso é pior do que passar doze horas sem comer ou beber... E para a editora-chefe de uma revista sensacionalista...

Vitória – Sim... É um pesadelo, de fato...

Um momento.

Cláudio – Então, basicamente... se você descobrisse uma notícia sensacional agora, você não poderia contar a ninguém?

Vitória – Uma notícia sensacional?

Cláudio – Sim, um boato, como dizem em sua profissão.

Vitória – Mas não vejo que tipo de boato poderia ser. Estamos em um avião completamente isolados do mundo.

Cláudio – Nunca se sabe...

Vitória – Imagine se o piloto anunciar que acabamos de perder um dos motores e estamos prestes a cair no coração da Sibéria...

Cláudio (*misterioso*) – Hun, hun...

Vitória – Claro que isso não seria notícia a menos que houvesse uma ou duas celebridades a bordo.

Cláudio – Quem garante que não há?

Vitória – Você não vai me dizer que é o Leonardo DiCaprio, vai?

Cláudio – Claro, mas imagine que eu conte algo que ninguém mais sabe...

Vitória – Você?

Cláudio – Já disse a você que há certas coisas que um diretor funerário é o primeiro a saber.

Vitória – Bem, vá em frente...

Cláudio – Sempre que você prometer que não tem como publicar antes de aterrissarmos em Tóquio.

Vitória – Impossível. Nem mesmo se fosse a notícia do século.

Cláudio – Acredite em mim quando digo que é algo incrível... Algo que não chegará à imprensa antes de doze horas.

Vitória – Você está realmente testando minha curiosidade... Estou toda ouvidos...

Cláudio – Segure-se bem: Massiel não está mais neste mundo...

Vitória – Massiel?

Cláudio – Massiel.

Vitória – E essa é a notícia tão importante?

Cláudio – Sim, Massiel.

Vitória – Mas ela não canta há mais de trinta anos!

Cláudio – Em Ávila, ela cantou.

Vitória – Sim, em Ávila... E daí?

Cláudio – Ela ganhou um Festival da Eurovisão.

Vitória – Massiel... Se colocássemos isso na capa da nossa revista, os mais jovens se perguntariam quem é, e os mais velhos diriam: "Mas essa não tinha morrido?"

Cláudio – Talvez aqui na Espanha.

Vitória – Bem, a revista é espanhola.

Cláudio – Mas você já se perguntou se ela é conhecida no Japão?

Vitória – No Japão?

Cláudio – Você tem ideia do que Massiel representa para os japoneses?

Vitória – O que você está dizendo?

Cláudio – Simplesmente que ela é a cantora espanhola mais famosa no Japão. Uma verdadeira adoração à sua personalidade. Para os japoneses, Massiel é... como Kim Jong-il para os habitantes da Coreia do Norte.

Vitória – Mudando o cabelo dela e colocando um par de óculos de sol, talvez eles se parecessem um pouco...

Cláudio – Você não percebe que se eu der a notícia de que Massiel morreu, os japoneses decretarão três dias de luto nacional?

Vitória – Está falando sério?

Cláudio – Massiel é a única coisa que a Espanha conseguiu exportar para o Japão. Imagine o impacto que essa notícia pode ter na capa da versão japonesa de "Sensacional"!

Vitória – Você está certo... Sim, pode ser uma bomba, uma verdadeira notícia sensacional no estilo japonês.

Cláudio – Uma bomba global, eu lhe asseguro. Massiel também é muito conhecida na Rússia, até na Sibéria.

Vitória – E você tem certeza de que Massiel faleceu?

Cláudio – Se eu te disser que fui eu quem a maquiou antes da cremação? Ninguém melhor do que eu para saber o que aconteceu.

Vitória – E, se for verdade, por que esconder sua morte?

Cláudio – Sempre é feito assim por algumas horas para que a família possa fazer seu luto em paz e organizar o funeral longe da multidão. E tem mais. Você nem imagina onde eles vão enterrá-la.

Vitória – Já se sabe?

Cláudio – Sabe-se... E essa pode ser a segunda notícia bomba.

Vitória – Não vão espalhar suas cinzas no Vale dos Caídos, junto ao túmulo de Franco, né?

Cláudio – Não, mais provável que não. Como forma de agradecer ao público japonês por sua fidelidade durante todos esses anos em que os espanhóis não deram a mínima, quer dizer, que eles já a tinham dado como morta, ela deixou escrito em seu testamento que suas cinzas seriam lançadas sobre o monte Fukushima.

Vitória – Imagino que quis dizer o monte Fuji-Yama... Então eles vão enviar suas cinzas para o Japão?

Cláudio – E aqui é onde surge a terceira e última notícia bomba...

Vitória – Quer dizer que há mais?

Cláudio – Aconselho a apertar o cinto de segurança, não vá ser que o que vou te contar a faça pular até o teto, porque é forte... Muito forte...

Vitória – Vamos lá, conte...

Cláudio – Ela está neste avião!

Vitória – Quem você quer dizer com "ela"?

Cláudio – Massiel.

Vitória – Mas você não disse que ela tinha morrido?

Cláudio – O que está aqui são suas cinzas.

Vitória – Suas cinzas?

Cláudio – Foi assim que seu empresário decidiu fazer para evitar que seus fãs espanhóis se opusessem à transferência. Isso será mantido em segredo até que a urna chegue ao Japão.

Vitória – Que urna?

Cláudio – Não sei se você é ingênua ou se está fazendo isso de propósito... A urna com suas cinzas! Você não percebe que, se descobrissem na Espanha, poderia ser um escândalo? Massiel é um monumento histórico! Em ruínas, mas um monumento.

Vitória – Claro...

Cláudio – Pode imaginar cenas de histeria coletiva se os japoneses souberem que suas cinzas estão viajando neste avião?

Vitória (*duvidosa*) – Você não está brincando comigo, está?

Cláudio – Suas cinzas estão no porão deste avião, bem aos nossos pés.

Vitória – Aos nossos pés?

Cláudio – Sobre a cabeça da minha esposa.

Vitória – O corpo da sua esposa também está no porão?

Cláudio – Não... O que quero dizer é que juro pela cabeça da minha esposa...

Vitória – E como você sabe que ela está a bordo deste avião?

Cláudio – Por pura casualidade. Eu não fazia ideia de que ela pegaria o mesmo avião que eu, mas quando estava fazendo o check-in das minhas malas, reconheci o empresário dela na fila bem na minha frente. E, acima de tudo, reconheci o pacote que ele estava segurando.

Vitória – O pacote?

Cláudio – A urna! Eu mesmo a embalei. É muito frágil. Além disso, não faz sentido levá-la como bagagem de mão!

Vitória – Você poderia simplesmente deixá-la na esteira de bagagem como uma mala comum.

Cláudio – É o que acontece quando se viaja incógnito. Suponho que eles tenham tudo organizado.

Vitória – Entendi... Como quando se transporta um órgão em um refrigerador para um transplante de emergência. Como um coração ou um rim, por exemplo...

Cláudio – Bem... sim... Mas isso são cinzas... Não se trata de pedaços de fígado ou bifes congelados...

Vitória – Estou processando tanta informação aos poucos.

Vitória – Bem, sim, isso pode ser uma notícia bomba, com certeza.

Cláudio – Um sucesso absoluto para a primeira edição da sua revista no Japão... 130 milhões de habitantes... Você percebe o que isso significa? Três vezes a população de toda a Espanha!

Vitória – Será uma edição fantástica, tenho certeza. Algo que só acontece uma vez na vida de uma revista. Lançar uma bomba como essa na primeira edição da Sensacional no Japão!

Cláudio – Infelizmente, como não há telefone, também não haverá notícia bomba... Você conhece algum jeito de fazer a notícia chegar à redação? Não poderá fazer nada até chegarmos a Tóquio em dez horas...

Vitória – Então a revista já estará nas bancas. Devem estar prestes a rodar a edição e...

Cláudio – E, provavelmente, em dez horas, não será mais uma notícia bomba...

Vitória – Você acha?

Cláudio – Você não acha que um segredo desse tipo pode ser guardado por muito tempo?

Vitória parece completamente deprimida.

Vitória – Deve haver uma maneira de avisá-los.

Cláudio – Eu contei isso porque sabia que a notícia não poderia sair daqui... Eu disse que sou obrigado ao sigilo profissional. Além disso, estou arriscando meu emprego...

Vitória – Mmm...

Cláudio (*levantando-se*) – Desculpe. Preciso ir ao banheiro.

Vitória (*distraída*) – Hum, hum...

Cláudio (*apontando para o fundo da cabine*) – Irei naquele ali, no fundo, assim poderei ver como é a classe econômica...

Cláudio se levanta.

Vitória – Doze horas sem poder comunicar com a minha redação... Digam-me que isso não é verdade...

Cláudio – Também não podemos usar o telefone no teatro... E às vezes a peça dura mais de duas horas...

Cláudio atravessa a cabine olhando para as filas de espectadores com uma expressão de curiosidade e um pouco de zombaria. Ele se dirige ao público com o texto a seguir ou improvisa, dependendo da inspiração do ator e das reações do público.

Cláudio – Bem... Parece que todos os passageiros conseguiram se sentar finalmente. (*Dirigindo-se a um espectador*) Os assentos são um pouco apertados, não são? (*Dirigindo-se a outro*) Por favor, não se incomode, só quero passar... Estou indo ao banheiro... (*A um terceiro*) Não sei se os passageiros da classe econômica têm o direito de usar o banheiro... (*A um quarto*) Espero que tenham feito suas necessidades antes de embarcar... (*A um quinto*) Por favor, aperte o cinto. Não o de segurança, mas o seu... (*A um sexto*) Sua braguilha está aberta...

Cláudio sai.

Vitória (*louca*) – Massiel... Massiel... Mas isso é absurdo... (*Pega outra pílula*) Acho que não é hora de parar de tomar antidepressivos...

Escuro

Ato dois

Azafata (*com extrema simpatia*) – Estamos entrando em uma área de turbulência. Todos os passageiros devem retornar aos seus assentos, colocar o cinto de segurança e permanecer sentados até que a luz de aviso seja desligada. Obrigado pela sua compreensão.

Cláudio atravessa o corredor, lutando contra a turbulência.

Cláudio – Caramba! Essa classe econômica está passando por uma sacudida... Vocês não ficam enjoados?

Ele segura uma taça de champanhe na mão, como se quisesse provocar inveja nos supostos passageiros.

Azafata (*seca*) – Ei, senhor... Você não ouviu? Volte para o seu assento e aperte o cinto, por favor... Está bem?

Cláudio se apressa e, titubeando devido ao suposto movimento do avião, acaba derramando um pouco de líquido em um dos espectadores.

Cláudio – Caramba! Me desculpe! Mas não se preocupe, é só água. Não mancha. Estamos em um teatro, não acham que vão servir champanhe todas as noites... Além disso, pelo que pagaram...

Azafata (*amável novamente*) – Desculpe, senhor, eu não percebi que se tratava de um passageiro de primeira classe.

Cláudio volta a sentar-se ao lado de Vitória.

Cláudio – Você estava certa. Não há tanta diferença entre a classe econômica e a primeira. Mas, com certeza... Uma multidão! E todos apertados uns contra os outros, como sardinhas enlatadas. Os assentos são mais estreitos e não dá para esticar as pernas.

Vitória – Hun, hun...

Cláudio – Aqui... Pelo menos consegui trazer um copo de champanhe para você... Bem... O que consegui salvar! Garanto que foi um verdadeiro prazer atravessar toda a classe econômica com uma taça na mão.

Distraída, Vitória pega a taça que Cláudio lhe oferece.

Vitória – Obrigada...

Cláudio – Você está pensando bastante no que lhe contei, não está? Eu não deveria ter dito nada...

Vitória – Muitas revistas como a minha pagariam uma fortuna para lançar uma notícia como essa antes de todos os outros...

Cláudio – E eu dei a notícia de graça...

Vitória (*histérica*) – Não adianta de nada se eu não puder publicá-la! (*Acalmando-se*) É a pior tortura que se pode infligir a uma diretora de uma revista sensacionalista! Colocar a notícia do século ao alcance das mãos dela e não poder aproveitá-la...

Cláudio – Sim, eu entendo. Uma verdadeira tortura japonesa... (*Vitória olha para ele com raiva*) Você deveria tentar dormir um pouco.

Vitória (*histérica novamente*) – Você acha que eu consigo dormir agora? (*Acalmando-se*) Tem que haver alguma maneira de se comunicar com o mundo exterior...

Cláudio – Você poderia saltar de paraquedas na Sibéria... Se tiver sorte, pode cair em cima de uma cabine telefônica, embora eu não tenha certeza se têm cobertura em um lugar tão deserto.

Vitória – Você acha que o piloto concordaria em abrir a porta do avião em pleno voo?

Cláudio – Você já saltou de paraquedas alguma vez?

Vitória – Não deve ser tão complicado...

Cláudio – Eu nem sei se eles têm paraquedas a bordo... Na verdade, eles seriam mais úteis nesta área do que os coletes salva-vidas...

Vitória – E se eles tiverem que fazer uma escala?

Cláudio – Isso só aconteceria em caso de emergência, porque eu não acho que o piloto concordaria em aterrissar em Irkutsk ou Novosibirsk.

Vitória – Eu estava mais pensando em voltar atrás.

Cláudio – Voltar ao ponto de partida e fazer o avião aterrissar só para fazer uma ligação? Não acha que seria excessivo?

Vitória – Sim, parece um pouco difícil.

Cláudio – Além disso, você tem algo convincente para ameaçar o piloto? Talvez pudesse usar a colher de plástico que a aeromoça te deu para mexer o café...

Vitória – Lembra daquele barbudo que tinha uma bomba nos sapatos?

Cláudio – Sim, claro...

Vitória – Eu poderia dizer à aeromoça que estou com uma bomba na calcinha e estou disposta a explodir se o avião não aterrissar imediatamente.

Cláudio – Poderia ser... mas você não tem barba. Além disso, por que diabos a diretora da "Sensacional" iria querer um pouso de emergência na Sibéria?

Vitória – Não faço ideia... Talvez para pedir asilo político...

Cláudio – Asilo político? Na Sibéria?

Vitória – Ou talvez asilo fiscal?

Cláudio – Mesmo que eles acreditassem em você, eles te prenderiam imediatamente, mesmo antes de chamar o seu advogado...

Vitória – Você está certo...

Cláudio – A luz de aviso acaba de se apagar!

Vitória – E se o terrorista fosse você?

Cláudio – Como assim?

Vitória – Eles te prenderiam, enquanto eu falo tranquilamente com a minha redação por telefone!

Cláudio – Desculpe, mas eu não pretendo passar os próximos vinte anos da minha vida em um Gulag ou Guantánamo! E isso só para que, na capa da primeira edição da sua revista, apareça a notícia do desaparecimento da melhor cantora japonesa de todos os tempos...

Vitória – É verdade... Ela tem algumas características japonesas...

Cláudio – Fisicamente, suponho.

Vitória – O cabelo, a cor um pouco amarelada da pele, os olhos puxados... talvez por ter esticado tanto a pele...

Cláudio – Esticar a pele?

Vitória – Sim, homem... liftings!

Azafata (*com voz alegre*) – O Sr. Cláudio é solicitado na área das aeromoças para escolher seu prêmio.

Cláudio (*animado*) – Sou eu... Vou ter que te deixar por um tempo. Faz parte do prêmio.

Vitória – Poderia ser para se envolver com um comissário de bordo?

Cláudio – Não, infelizmente. Eles me convidam apenas para entrar na cabine do piloto.

Vitória – A moça falou sobre um prêmio que você poderia escolher...

Cláudio – Sim, eu poderia escolher entre pilotar a aeronave por alguns minutos ou receber uma coleção de cachimbos isentos de impostos... Mas... como parei de fumar...

Vitória – Não me diga?

Cláudio – Você se lembra do que escolheu como prêmios, certo?

Vitória – Claro... O piloto!

Cláudio – O quê?

Vitória – Ele pode se comunicar com o exterior, claro!

Cláudio – Claro.

Vitória – E poderia enviar uma mensagem para a torre de controle.

Cláudio – Que tipo de mensagem? "Aqui é a diretora da 'Sensacional'... Massiel morreu"?

Vitória – Por que não?

Cláudio – Isso poderia funcionar se ela tivesse morrido no avião... Caso contrário, não teria o menor interesse para a torre de controle.

Vitória – Você está certo... Então, diremos ao piloto que preciso entrar em contato com urgência com a minha família em Tóquio... e assim posso passar a notícia para a minha revista...

Cláudio – Nossa família?

Vitória – Posso me passar por sua irmã.

Cláudio – Você não se parece em nada com minha irmã.

Vitória – Eles não sabem disso.

Cláudio – Bem, admitamos... mas essa história de nossa família em Tóquio... nem você nem eu temos traços asiáticos.

Vitória – Podemos dizer a eles que fomos adotados por uma família japonesa quando éramos bebês...

Cláudio – Quando éramos bebês? Mas não nos parecemos em nada!

Vitória – E então?

Cláudio – Então, significa que nunca poderíamos ter sido adotados quando éramos bebês!

Vitória – Nesse caso, é melhor você ir sozinho e dizer a eles que precisa entrar em contato imediatamente com a sua esposa.

Cláudio – Impossível. Todos sabem que minha esposa morreu, por isso me colocaram na primeira classe...

Vitória – Você está fazendo isso de propósito ou o quê? Pouco importa o que dissermos... Temos que encontrar uma solução.

Cláudio – Estou ouvindo.

Vitória – Eles disseram que você poderia fazer um pedido. Então, eu lhe dou o número de telefone da minha redação em Tóquio e você faz como se estivesse ligando para sua mãe para cumprimentá-la da cabine do piloto... E pronto...

Cláudio – Minha mãe mora em Albacete.

Vitória – Pronto! Vamos inventar alguma coisa dramática.

Cláudio – Você realmente me assusta!

Vitória – Você pode dizer a eles que sua mãe tem um câncer terminal e viajou para o Japão para ser tratada pelo melhor especialista. Você está indo vê-la, mas provavelmente ela já deve ter sido operada porque seu estado pioraria de repente.

Cláudio – Minha pobre mãe!

Vitória – Perfeito... Tem que ser algo trágico... Você tem medo de que sua mãe não saia viva da sala de cirurgia e quer se despedir dela... Apenas por precaução...

Cláudio – Meu Deus!

Vitória – Lembre-se de que a história de sua mãe é uma mentira.

Cláudio – Claro...

Vitória – Em algum momento da conversa, você deve mencionar que Massiel morreu.

Cláudio – Isso não pode funcionar... Minha mãe detesta Massiel, quase tanto quanto odiava minha esposa...

Vitória – Mas você não vai falar com sua mãe, vai falar com a editora-chefe da versão japonesa da "Sensacional"!

Cláudio – Sim... Você está certa...

Vitória – Você tem certeza de que pode fazer isso?

Cláudio – Por quanto?

Vitória – Desculpe?

Cláudio – Você disse que qualquer revista estaria disposta a pagar uma fortuna para publicar essa informação antes das outras.

Vitória – Eu disse isso quando pensei que não havia absolutamente nenhuma maneira de transmitir a notícia para a minha revista...

Cláudio – Então?

Vitória – Mil? (*Cláudio parece não concordar*) Dez mil?

Cláudio – Estamos falando de ter sucesso ou de afundar no lançamento da sua revista no Japão.

Vitória – Está bem... Eu vou até cinquenta mil. Nem um centavo a mais.

Cláudio – Com uma quantia assim, sou capaz de fazer o avião pousar no telhado de uma cabine telefônica.

Vitória prepara o cheque, mas de repente hesita.

Vitória – Como vou saber se você realmente deu a notícia se não posso acompanhá-lo à cabine do piloto?

Cláudio – Posso ser muito persuasivo quando quero, eu lhe asseguro. Aceita ou deixa.

Vitória entrega o cheque. Em seguida, ela escreve algo em um cartão de visita e o entrega a Cláudio.

Vitória – Ligue para este número em meu nome e diga a quem atender para preparar a nota necrológica de Massiel. Ela entenderá.

Cláudio (*filosófico*) – É triste, mas afinal, todos nós morreremos um dia, não é verdade? (*Vitória olha impacientemente para ele*) Estou indo...

Cláudio sai, desta vez nos bastidores. Vitória o detém antes de sair.

Vitória (*em voz baixa*) – E não diga nada disso aos passageiros da classe econômica...

Vitória pega outra pílula e a engole, esvaziando a taça de champanhe.

Vitória (*para o público*) – Suponho que eles tenham desligado seus celulares... É por segurança. Os controles podem travar... Ou o sistema elétrico pode falhar... Eu não quero nem pensar nas consequências de um curto-circuito nesta altitude. Porque estamos voando alto, muito alto! Se isso cair, seremos feitos em pedaços.

Escuro

Ato três

Vitória está dormindo. Ela tem a revista no colo. Ela acorda abruptamente com o alto-falante. São ouvidos ruídos de luta, golpes, gritos, acoplamentos no microfone. Depois, um silêncio absoluto. Cláudio volta. Ele está com a roupa desarrumada e parece ofegante.

Vitória – Não me diga que você se envolveu com o comissário sem o consentimento dele...

Cláudio – Não, de jeito nenhum... Tomara que fosse isso!

Vitória – Então, o piloto não deixou você fazer a ligação?

Cláudio – Também não... Eu consegui ligar para minha mãe em Albacete, como combinamos...

Vitória – Para Albacete?

Cláudio – E eu disse a ela que Massiel tinha morrido. Fique tranquila. Eu estava assistindo às notícias na TV e não disseram nada...

Vitória – Diga-me que não é verdade o que estou ouvindo! Diga-me que estou sonhando, que isso é um pesadelo!

Cláudio – Logo depois percebi que não tinha discado o número certo...

Vitória – E então?

Cláudio – Perguntei ao piloto se poderia fazer outra ligação, e ele me respondeu que estávamos em um cockpit e não em uma cabine telefônica. A partir daí, as coisas saíram do controle.

Vitória – O que você quer dizer com "sair do controle"?

Cláudio – Ele insultou minha mãe...

Vitória – Sério?

Cláudio – Eu disse que ele poderia ficar violento quando certos assuntos são mencionados... E para mim, minha mãe é um assunto sensível...

A voz de uma das aeromoças é ouvida novamente pelo alto-falante.

Aeromoça – Senhoras e senhores... prestem atenção, por favor. Tanto o piloto quanto o co-piloto estão com problemas... Ou seja, eles não estão bem. Não se preocupem, pois provavelmente conseguiremos reanimá-los antes de perdermos muita altitude. Se houver algum médico a bordo, por favor, dirija-se a uma de nossas aeromoças... *(Silêncio)* Se houver um piloto a bordo, por favor, se manifeste também. Isso é urgente...

Vitória – Meu Deus!

Cláudio – Acho que exagerei... Mas você também tem culpa. Cinquenta mil euros é uma quantia considerável... Uma quantia que pode subir à cabeça... Cinquenta mil euros! Com isso, eu poderia comprar um freezer enorme.

Vitória – Um freezer?

Cláudio – É para minha mãe... No caso de ela realmente ter um câncer incurável, como você disse antes...

Vitória – Sim...

Cláudio – Eu a descongelaria quando descobrissem uma cura definitiva para essa doença. Parece que eles estão fazendo pesquisas com uma nova enzima... Em ratos, é claro. Você sabia que algumas águas-vivas são imortais?

Vitória olha para ele incrédula quando o alto-falante soa novamente.

Aeromoça – Senhoras e senhores, na ausência de um piloto experiente, vou tentar fazer um pouso de emergência em Novosibirsk. Peço que apertem bem os cintos, pois nem sequer consigo fazer marcha a ré com meu carro. Tenho dificuldade em distinguir o freio da embreagem... Sempre confundo... Agora, pelo menos, posso dizer que estou segurando firmemente o manche do piloto... Glup... Não, isso não é o manche...

Vitória (*histérica*) – Um pouso de emergência? Fantástico! Finalmente, poderei ligar para a minha redação em Tóquio!

Cláudio – Acho que chegou a hora de colocarmos os coletes salva-vidas.

Eles tiram flutuadores com forma de patinho e os colocam na cintura. O som de um avião em queda livre.

Escuro

Ato quatro

Primeiras notas genéricas da Quarta Dimensão. A luz incide sobre um cenário apocalíptico. Desordem. Assentos virados. Roupas chamuscadas. Fumaça, se possível. A voz da aeromoça é ouvida novamente pelo alto-falante.

Aeromoça (*como se estivesse bêbada*) – O voo 714, com origem em Madrid e destino Tóquio, acabou de aterrissar, não sabemos onde, mas em pleno caos. Tanto o diretor de cena quanto os atores desejam a todos uma estadia feliz. Esperamos que a viagem tenha sido do agrado de todos vocês, desejando tê-los conosco em breve, em nossa companhia.

Vitória e Cláudio estão voltando a si aos poucos.

Cláudio – Estaremos mortos?

Vitória tenta ligar o seu celular.

Vitória – Não sei, mas o que sei é que não há sinal.

Cláudio – Talvez estejamos na Quarta Dimensão...

Vitória – Ou talvez seja um pesadelo do qual ainda não acordamos...

Vitória encontra algo na desordem e pega. É a urna com as cinzas de Massiel. A foto dela está na parte superior. Eles se olham, perplexos.

Cláudio – Estamos no deserto, mas isso evidentemente não tem nada a ver com a Sibéria.

Vitória – Talvez sejamos os únicos sobreviventes.

Cláudio – Infelizmente, acho que você está certa...

Cláudio faz um sinal discreto para que ela olhe para o público.

Vitória (*sussurrando*) – Quem são todos esses lá embaixo?

Cláudio – Talvez sejam os da classe econômica.

Vitória – Da classe econômica?

Cláudio – Sim, os de segunda classe.

Vitória – Parece que estão nos observando...

Cláudio – E não estão se movendo...

Vitória – Talvez estejam mortos...

Cláudio – Ou dormindo.

Vitória – Eu também costumo dormir no teatro.

Cláudio – Acho que é melhor não acordá-los...

Vitória – Então, o que fazemos?

Cláudio – Acima de tudo, nada brusco... Vamos ficar quietos e nos dirigir lentamente para a saída...

Vitória – Que saída?

Cláudio – A saída de emergência!

Vitória (*muito perturbada*) – Acho que preciso de outro calmante... (*Procura em sua bolsa*) Meu Deus! Roubaram minha carteira!

Cláudio (*enfático*) – Quando você está no teatro e tem a sorte de ter dinheiro na carteira, é importante não deixá-la por aí...

Vitória – O produtor é um desgraçado. Certamente nos deu um sonífero no champanhe antes de fugir com a arrecadação...

Cláudio – Que história! Você acha que a imprensa falará sobre nós?

Vitória – Para isso, teria que haver um repórter na plateia.

Vitória – Espero que, pelo menos, alguma aeromoça esteja viva.

Cláudio – Para quê você a quer?

Vitória – Para que ela feche a cortina entre a primeira e a segunda classe.

Eles saem.

Aeromoça – Tomara que o disjuntor não desarme de novo.

Escuro

Aeromoça – Caramba! Ele desarmou!

Se possível, alguma música de Massiel, preferencialmente em japonês.

Ato cinco

O cenário é iluminado novamente ou o pano se abre como se os atores fossem saudar o público. O cenário é o mesmo do primeiro ato: dois assentos lado a lado, que poderiam muito bem ser os de um teatro. Cláudio está sentado ao lado de Vitória, que trocou suas roupas de executiva por algo mais informal. A decisão sobre a disposição do cenário fica a critério do diretor, dependendo do tamanho do palco e das possibilidades do local. Vitória e Cláudio também podem estar sentados entre o público, como no início do espetáculo. Vitória empurra suavemente Cláudio para acordá-lo.

Vitória – Cláudio...! Cláudio! (*Cláudio não reage, e Vitória o sacode com mais força*) Cláudio!

Cláudio acorda assustado, como se estivesse saindo de um pesadelo.

Cláudio (*aterrorizado*) – O quê? O que está acontecendo?

Vitória – Acabou!

Cláudio – Então... estamos mortos?

Vitória – Eu não acho... (*mais baixo*) Embora também possamos morrer de tédio...

Cláudio – Mas... onde estamos?

Vitória – Onde estaríamos...? No teatro, é claro! A peça acabou, e temos que ir embora... Eu nem vou perguntar se você gostou...

Cláudio olha para Vitória.

Cláudio – Isso é engraçado!

Vitória – A que você se refere?

Cláudio – Sonhei que ganhei uma viagem para Tóquio para dois em um concurso. Como minha esposa havia morrido, eles me colocaram na primeira classe, viajando com a editora-chefe de uma revista.

Vitória – Sua esposa?

Cláudio – E eu até poderia beber champanhe, sem custos adicionais.

Vitória – Bem, que bom...

Cláudio – E, em vez disso, acordo e estou ao seu lado, no teatro...

Vitória – Bem... você vê... O sonho acabou... Bem, vamos ou quê?

Vitória se levanta.

Cláudio – Espere... Lembro de algo mais... Em meu sonho, Massiel também havia morrido...

Vitória – Massiel?

Cláudio – Me diga que não é verdade, que Massiel não morreu...

Vitória – Eu não faço ideia... Há muito tempo que não se fala dela... Vamos ou quê?

Cláudio se levanta, ainda um pouco chocado.

Cláudio – Nós realmente estamos em um teatro? Isso é algo que nunca fazemos...

Vitória – Você está começando a me preocupar... Pelo menos você vai se lembrar que trabalhamos juntos na "Congelados El Buey Feliz".

Cláudio – Sim... Claro... Eu me lembro! A mulher do diretor é a protagonista da peça! Ele nos deu os ingressos.

Vitória – Um convite que não podíamos recusar... A verdade é que, se ele não tivesse convidado todos os seus funcionários, provavelmente não haveria uma alma na plateia.

Cláudio – A peça é tão ruim assim?

Vitória – Provavelmente eles estão nos esperando lá fora para saber nossa opinião...

Cláudio – Que encrenca! Você poderia pelo menos ter me acordado!

Vitória – Eu não percebi que você estava dormindo...

Cláudio – Então, me conte do que se trata.

Vitória – Resumir assim, por alto?

Cláudio – Faça um resumo, e depois... eu vou improvisar...

Vitória – Não vai ser tão fácil...

Cláudio – Por quê?

Vitória – A trama é bastante complicada, eu diria até confusa...

Cláudio – Bem, me conte o que você entendeu...

Vitória – Na verdade, não sei se também cochilei entre o final do primeiro ato e o início do quinto...

Cláudio – Você não está me dizendo?

Vitória – Talvez a peça seja curta...

Cláudio – Droga! E agora, o que vamos dizer a eles?

Vitória – Vamos improvisar, como você disse antes... Bem... Vamos embora... Pelo menos não vamos fazê-los esperar...

Cláudio – Estou certo de que ainda estamos sonhando, de que isso é um pesadelo e que logo vamos acordar...

Eles se dirigem à saída.

Escuro

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
Apenas um instante antes do fim do mundo
Gay friendly
Há um autor na sala?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
Pequeno homicídio sem consequências
Preliminares
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas
ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Agosto de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-979-9

Documento para download gratuito